

## Oswaldo Cruz e os *Sonhos tropicais* de Moacyr Scliar

Oswaldo Cruz and *Sonhos tropicais* by  
Moacyr Scliar

**Rita Olivieri-Godet\***  
ERIMIT – Université Rennes 2  
Institut Universitaire de France

\* Depois de uma carreira acadêmica no Brasil (1980-1997) e um período como professora visitante na Universidade de Bordeaux 3 (1995-1997), Rita Olivieri Godet foi selecionada, em 1998, para ser Maître de Conférences da Universidade Paris 8, e, em 2003, como Professeur da Universidade Rennes 2. Autora de 4 livros, 33 capítulos de livros e 92 artigos, também dirigiu 10 obras coletivas. É membro correspondente da Academia de Letras da Bahia e, desde outubro de 2013, membro sênior do Institut Universitaire de France IUF.

**Resumo:** Nesse artigo, discutimos como o Médico-escritor Moacyr Scliar buscou através do diálogo entre a medicina e a literatura superar a barreira entre as duas culturas, a humanística e a científica; em sua obra, segundo ele mesmo afirma, empenhou-se em perscrutar os sonhos e as mazelas da realidade brasileira com a experiência da medicina. Ele transformou o conhecimento sobre doenças e mortes em temas em seus escritos, a partir disso procuramos mostrar como a vasta produção de ensaísta e romancista do escritor contrói pontes entre essas duas grandes paixões na interface entre a vivência de médico sanitário e a experiência literária.

**Palavras-chave:** Moacyr Scliar; *Sonhos tropicais*; literatura e medicina.

**Resumé:** Dans cet article, nous discutons de la manière dont le médecin-écrivain Moacyr Scliar, à travers le dialogue entre la médecine et la littérature, surmonte la barrière entre les deux cultures, l'humaniste et la scientifique ; dans son travail, comme il le dit lui-même, il s'est efforcé de scruter les rêves et les maux de la réalité brésilienne avec l'expérience de la médecine. Il a transformé les connaissances sur les maladies et les décès en thèmes dans ses écrits, et à partir de là nous cherchons à montrer comment la vaste production d'essayiste et de romancier jette des ponts entre ces deux grandes passions à l'interface entre l'expérience d'un médecin sanitaire et l'expérience littéraire

Key-words: Moacyr Scliar ; *Sonhos tropicais*; littérature et médecine.

OLIVIERI-GODET, Rita. Oswaldo Cruz e os sonhos tropicais de Moacyr Scliar. *Léguas & Meia*, Brasil, v.13, n. 1, p. 22-43, 2021.

## Oswaldo Cruz e os sonhos tropicais de Moacyr Scliar<sup>1</sup>

*O Brasil é um imenso hospital.*  
Miguel Pereira, *apud* Moacyr Scliar (1996, p. 230)

Médico-escritor, como tantos outros que “tentaram, unindo medicina e literatura, superar a barreira entre as duas culturas, a humanística e a científica”<sup>2</sup>, Moacyr Scliar empenhou-se em perscrutar os sonhos e as mazelas da realidade brasileira. De acordo com declarações do próprio autor, a medicina ajudou-o a descobrir o Brasil: “A partir da faculdade estive em contato com o sofrimento, a doença, e a morte e a medicina virou um tema dos meus escritos, como em *A majestade do Xingu*, sobre Noel Nutels, e *Sonhos tropicais*, sobre Oswaldo Cruz”<sup>3</sup>. Além de obras ficcionais que se reapropriam da história de vida de personalidades reais para tecer o enredo romanesco, Scliar escreveu vários ensaios e biografias que dizem respeito ao campo da história da medicina<sup>4</sup>. Em vasta produção de ensaísta e romancista, o escritor foi construindo pontes entre duas grandes paixões, servindo-se da palavra como interface entre a vivência de médico sanitário e a experiência literária, à escuta das vozes do corpo e da alma:

A doença nasce em silêncio. Seja pela ação de germes, ou substâncias nocivas, ou por processos endógenos, sutis alterações processam-se nas células: é a enfermidade em marcha. Quietamente, imperceptivelmente, implacavelmente. Em algum momento, algo acontecerá, a chamar a atenção da pessoa: uma febre, uma dor, falta de ar, palpitação, hemorragia. A consciência da anormalidade desperta a angústia, e a angústia se expressará em palavras. Mais cedo ou mais tarde um médico as ouvirá. E também ele traduzirá aquilo que ouviu, aquilo que constatou, aquilo que pensa, em palavras. Palavras dirigidas ao paciente, aos familiares, a outros médicos, a estudantes de medicina, ao público. Pessoas falarão da doença, pois não há como não falar nessa experiência que todos

---

<sup>1</sup> Este texto é uma versão revista e atualizada do artigo "Oswaldo Cruz e o Saci ou a figuração do duplo em *Sonhos Tropicais*", publicado na obra *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*, organizada por Zilá Bernd e Regina Zilberman (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 99-119).

<sup>2</sup> Moacyr Scliar, *A paixão transformada: história da medicina na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 9.

<sup>3</sup> “O imortal no mundo”, entrevista a Daniel Schenker Wajnberg, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 04 de agosto de 2003.

<sup>4</sup> *Oswaldo Cruz e Carlos Chagas: o nascimento da ciência no Brasil*. Odysseus Editora, 2002; *Oswaldo Cruz: entre micróbios e barricadas*. Relume/Dumará, 1996; *A paixão transformada: história da medicina na literatura*. Companhia das Letras, 1996; entre outros.

partilhamos. **Frequentemente as palavras serão postas no papel: a história clínica, o artigo científico, o ensaio, a ficção.** (Scliar, 1996, p. 7, grifo nosso)

Scliar, não está mais entre nós, mas suas palavras ressoam na experiência dramática da pandemia que estamos vivenciando e na multiplicidade de discursos gerados por cientistas, políticos, intelectuais, artistas, jornalistas e pelas vozes anônimas das redes sociais sobre essa trágica vivência. Na confusão babélica do tecido discursivo sobre o vírus e a pandemia, a produção literária atual se destaca pela qualidade da reflexão que propõe, desmistificando discursos, preocupada com a prospecção sobre o humano, buscando exorcisar o mal pela palavra e investir, dessa forma, na função terapêutica da criação artística.<sup>5</sup>

*Sonhos tropicais*<sup>6</sup>, livro que será o objeto de minhas reflexões neste estudo, é um belo exemplo da *paixão* de Scliar pela medicina *transformada* em literatura. Enquanto texto literário, *Sonhos tropicais* transfigura e problematiza os elementos contextuais que lhe servem de referência, utilizando-se da biografia de Oswaldo Cruz como ponto de partida para interrogar a história da medicina e os aspectos sociais, políticos e culturais da realidade brasileira, no início do século XX, durante a campanha de combate à varíola. O texto vai percorrer, mais uma vez, um caminho caro aos escritores brasileiros: a exploração de antagonismos que embasam culturas diversas, através de elementos antitéticos na fabulação e na estrutura do romance.

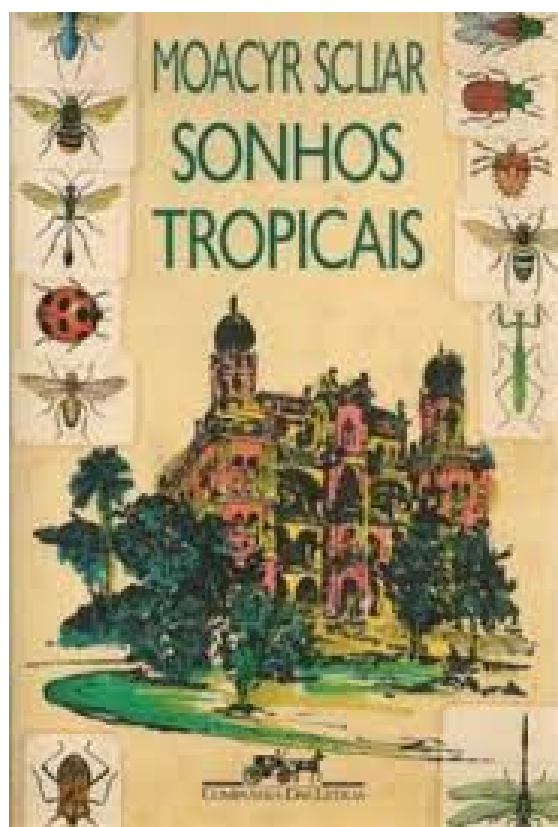
O discurso ficcional mobiliza os discursos sociais que circulavam no contexto do Rio de Janeiro do início do século XX. Dessa forma, o romance interroga o projeto de modernidade da nação e a ideologia do progresso tecnológico e científico, representado pela reforma do centro do Rio de Janeiro, que toma como modelo a de Paris, empreendida por Haussmann no século XIX. Na encenação da perspectiva das elites dirigentes da época, o romance sublinha a retórica de exclusão que lhes é peculiar ao se referirem aos valores culturais das classes populares brasileiras e denuncia o alheamento em relação aos anseios de uma população urbana que vive em situação de miséria. A técnica narrativa integra múltiplas vozes, inclusive as vozes anônimas do cidadão comum; favorece a confrontação de mundos opostos e propõe a discussão de um projeto para o Brasil.

---

<sup>5</sup> Para só citar um único e expressivo exemplo, lembro aqui o poema épico *A terra em pandemia*, de Aleilton Fonseca, Itabuna/BA: Mondrongo, 2020.

<sup>6</sup> Moacyr Scliar, *Sonhos tropicais*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

Tendo como pano de fundo as relações entre ciência, poder e sociedade, *Sonhos tropicais* encena o debate de ideias em torno do progresso e da ciência, no seio da intelectualidade brasileira, no início do século XX. A releitura do romance, no atual contexto do século XXI, convida-nos a refletir sobre o caráter político do exercício da ciência, revelando a permanência de um vírus que através de séculos vem matando o povo brasileiro e os seus sonhos: o desempenho das elites do país que continuam reproduzindo os princípios subjacentes à colonialidade do poder (Quijano, 2009),<sup>7</sup> macaqueando o modelo da modernidade eurocêntrica e praticando o racismo epistêmico. Como afirma Walter Mignolo, “o mito da modernidade é o mito que justificou não apenas o totalitarismo científico, mas o totalitarismo *tout court*, tal como o estamos a testemunhar no início do século 21 à escala global” (Mignolo, 2004, p. 677).



Capa de *Sonhos tropicais*  
São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>7</sup> Ver Aníbal Quijano, “Colonialidade do poder e classificação social”. In: Boaventura de Souza Santos e Maria Paula Menezes (org.). *Epistemologias do sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 72-116.

Inspirando-se na biografia do médico e sanitarista Oswaldo Cruz, com destaque para os acontecimentos da revolta da vacina em 1904 no Rio de Janeiro, o romance transforma essa figura histórica em protagonista, situando grande parte da ação num período em que se projeta a modernização do Brasil de acordo com a perspectiva “civilizatória” característica do processo de identificação das elites brasileiras ao modelo cultural europeu. Neste sentido, o romance representa os sonhos tropicais dessas elites, mostrando como eles se alimentam de imagens paradigmáticas da alteridade europeia idealizada. É nessa direção que podem ser lidas, por exemplo, as falas atribuídas ao presidente Rodrigues Alves e ao prefeito do Rio, Pereira Passos, em encontros com Oswaldo Cruz, sobre os planos de modernização do Rio de Janeiro (Scliar, 1992, p. 87-102), refletindo a retórica subjacente à “matriz colonial de poder” (Quijano, 2009). A ideia de desenvolvimento está assentada na ideologia do branqueamento com a política de incentivo à imigração; na desvalorização da cultura popular (críticas ao maxixe e ao carnaval); na importação de um projeto urbano que transforme o Rio numa “cidade-luz como Paris”; num projeto de saneamento que se preocupa mais com a imagem do Rio como cartão-postal, cidade-vitrine para estrangeiro ver, do que propriamente com a saúde da população. Todos esses elementos afloram nos discursos dessas personagens, procurando desvelar o imaginário das elites dirigentes do país condizente com a “utopia da continuidade”<sup>8</sup> que se apoia no projeto de perpetuar no “Novo Mundo” as instituições e a cultura do “Velho Mundo”. Observa-se que o romance de Scliar retoma a discussão inaugurada pela obra de Lima Barreto, contemporâneo e crítico das medidas sanitárias e do processo de urbanização impingidos de maneira autoritária. A narrativa incorpora, na fala de Rodrigues Alves, uma alusão ao nome do escritor, repercutindo assim o papel de opositor que o romancista exerceu: “Uma resposta aos nossos inimigos, os anarquistas, os intelectuais frustrados como esse ressentido Lima Barreto, que está sempre a falar dos becos escuros, das lôbregas hospedarias, das alcovas sem luz, dos barracões imundos” (Scliar, 1992, p. 94).

---

<sup>8</sup> Ao examinar o percurso identitário das coletividades novas da América em relação às culturas fundadoras, Gérard Bouchard identifica a “utopia da continuidade” (*utopie de la continuité*) como uma das configurações possíveis. Sobre o assunto ver Gérard Bouchard “Identité collective et sentiment national dans le Nouveau Monde”. In : ANDRES, Bernard et BERND, Zilá. *L’identitaire et le littéraire dans les Amériques*. Québec : Nota Bene, 1999. p.63-83.

É pelos olhos de um narrador-personagem anônimo, que se situa na última década do século XX, que a personagem de Oswaldo Cruz surge no romance. A superposição de planos narrativos favorece o paralelismo entre a sociedade brasileira do início e do fim do século. O narrador-personagem, médico frustrado e alcoólatra, totalmente obcecado pela figura de Oswaldo Cruz, vai tecendo os fios entre passado e presente, construindo em paralelo o relato da história de vida do grande médico sanitariano e o de sua própria vida medíocre. A busca identitária do narrador-personagem abre-se também para uma interrogação sobre a comunidade na qual está inserido:

Evoco-te. Falo-te. O Brasil fim-de-século chama o Brasil do começo de século; o astronauta perdido no espaço comunica-se com o planeta Oswaldo. (Scliar, 1992, p. 11)

A citação acima deixa patente o intenso processo de duplicação de figuras que a narrativa instaura: a atração do narrador-personagem anônimo que se refugia na reconstrução de fatos da vida do célebre médico reforçada pelo emprego da fórmula de interlocução *eu-tu*; o elo entre o presente e o passado explorado através da superposição dos planos narrativos; o paralelo entre o itinerário individual das personagens e o destino do país.

Ao publicar *A majestade do Xingu*, em 1997, Scliar retomará esse formato de romance em planos narrativos diversos que exploram paralelamente histórias de vida antagônicas. No referido texto, a figura brilhante do médico Noel Nuttels contrasta com a vida banal de pequeno comerciante de um narrador-personagem que também é anônimo. Numa resenha sobre *A majestade do Xingu*, José Paulo Paes chama a atenção para esse tipo de formato de romance que, embora se apoie no motivo retórico do formato das biografias paralelas – como os pares biográficos reunidos em *Vidas Paralelas*, de Plutarco – subverte a estrutura tradicional “ao contrapor, dentro dos quadros da paródia, a vida ilustre à vida anódina”<sup>9</sup>.

Esse tipo de formato de romance está diretamente ligado ao objetivo de estabelecer comparações, de confrontar um *eu* a um *outro*, *nós* a *eles*, recorrendo a um paralelismo que favorece as interrogações sobre o processo de construção identitária de

<sup>9</sup> José Paulo Paes, “Scliar parodia formato das Vidas Paralelas”, *Estado de São Paulo*, 28 de dezembro de 1997.

um indivíduo e/ou de uma comunidade. Afinal, o que Plutarco buscava, através dos seus pares biográficos formados por representantes ilustres dos gregos e dos romanos, que ele aproxima sublinhando a igualdade de qualidades, era o desejo de superar o antagonismo entre esses povos ao “lembrar aos romanos a grandeza dos gregos e aos gregos que os romanos não são os bárbaros que às vezes eles pensam que são”<sup>10</sup>.

Embora numa perspectiva diversa, reencontramos em *Sonhos Tropicais* o mesmo antagonismo entre civilização e barbárie que alimenta a discussão sobre o processo de modernização do Brasil, constituindo a base de um projeto de construção identitária imposto pelas instituições legitimadoras. Para além da persistência das condições catastróficas da saúde sanitária no Brasil, a superposição de planos, enfocando o início e o final do século XX, aponta para a permanência de certos aspectos sobre os quais se assenta o imaginário brasileiro da modernização. A comparação que o romance estabelece entre “nous et les autres”<sup>11</sup> recorre sempre ao estrangeiro tomado como grupo de referência das elites brasileiras ao qual elas buscam se identificar. Se no início do século XX, o *outro* do Brasil é o Velho Mundo, no final do século, o grupo de referência desloca-se para os Estados Unidos. Desse modo, persistindo, como tantos outros escritores brasileiros, no caminho da denúncia de um processo de modernização baseado na cópia acrílica de modelos culturais, o texto de Scliar questiona, como diria Graciliano Ramos, a inclinação às “imitações, adaptações, reproduções – macaqueações”<sup>12</sup> que condena o país a se projetar enquanto imagem diminuída de um modelo, sempre na sombra de um processo civilizatório visto como mais avançado. Como constata Marilena Chauí, desde as narrativas dos primeiros viajantes e colonizadores sobre o Brasil, existe uma matriz identitária lacunar fundada na ausência

---

<sup>10</sup> “Plutarque”, Laffont-Bompiani. *Le Nouveau Dictionnaire des Auteurs*. Paris, Robert Laffont, 1994. p. 2539-2542.

<sup>11</sup> Alusão ao título do livro de Tzvetan TODOROV, *Nous et les autres*. La réflexion française sur la diversité humaine. Paris: Seuil, 1989.

<sup>12</sup> Graciliano Ramos, *Linhas Tortas*, São Paulo : Martins, 1967. (2ª edição), p.60. Sobre o tema, ver meu artigo: “As máscaras do Brasil nas crônicas de Graciliano Ramos”, *Taira*, revue du Centre de Recherche et d’Études Lusophones et Intertropicales de l’Université Stendhal-Grenoble, n.11, 2000/2001, p. 277-292. Sobre a representação literária da Europa como grupo de referência das elites brasileiras remeto ao meu texto “Constructions identitaires dans l’œuvre de João Ubaldo Ribeiro: paradigmes et clivages”, in: Rita Olivieri-Godet (org.), *Figurations identitaires dans les littératures portugaise, brésilienne et africaines de langue portugaise*, Série Travaux et Documents n.19, Saint-Denis: Université Paris 8, 2002. p.91-112.



de marcas civilizatórias que é sempre ativada<sup>13</sup>. No século XX, o outro do Brasil são os países capitalistas desenvolvidos: “É pela imagem do desenvolvimento completo do outro que a nossa “identidade” definida como subdesenvolvida, surge lacunar e feita de faltas e privações”<sup>14</sup>.

A imagem desvalorizada de um país doente, com suas cidades infectas e um povo ignorante e miserável, contrasta com as luzes de Paris da *Belle Époque*, assim como a vida anódina do narrador-personagem anônimo opõe-se à figura histórica e brilhante de Oswaldo Cruz. O romance explora dessa maneira a duplicação de figuras para discutir o caráter especular das relações complexas entre identidade e alteridade. O motivo do duplo vai direcionar a dinâmica da narrativa delineando polaridades simbólicas entre luz e sombra, progresso e atraso, original e cópia, sonho e realidade. As diversas figuras do duplo introduzidas na narrativa instauram a tensão entre identidade e diferença como comprovam as alusões aos comediantes de cinema Bud Abbot e Lou Costello (Scliar, 1992, p. 7), aos cientistas franceses Ogier e Vibert (Scliar, 1992, p. 45), às personagens do romance de Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes e Watson (Scliar, 1992, p. 45), às irmãs siamesas Maria e Rosalina:

A operação das xipófagas é um êxito. [...] Acordando da cirurgia, Maria e Rosalina constataam que já não estão unidas pelo esterno. Completamente separadas, poderão agora se afastar uma da outra metros, quilômetros. Uma poderá, por exemplo, estar navegando pelo Tocantins, a outra banhando-se no Juruá. Uma poderia estar no Roncador, outra no Chuí. Uma na França, outra na Bahia. Já não compartilham um destino comum. Já não têm intimidade. Na verdade até se sentem um tanto estranhas, uma à outra. Passeando pela cidade, Rosalina opina que o Rio de fato se civilizou; Maria discorda. (Scliar, 1992, p.187)

O simbolismo da unidade polarizada é retomado nessa evocação das irmãs siamesas sendo que a referência à operação acentua o dualismo antagônico em detrimento da complementaridade dos opostos. Se o estranhamento do *outro* pode ser

---

<sup>13</sup> Sobre o assunto, ver também o artigo de Zilá BERND “Identidades e nomadismos”: “Os textos inaugurais sobre as Américas, escritos pelos descobridores e mais tarde pelos primeiros viajantes e colonizadores, têm uma característica comum: negar uma identidade aos autóctones, insistindo na negatividade, na carência e cunhando, de certa forma, uma matriz identitária marcada pela falta e pela privação.” In: José Luiz JOBIM (org.) *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p.96.

<sup>14</sup> Marilena CHAUI. *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000. p.27.

necessário para a afirmação de uma identidade própria, a ruptura radical impede qualquer possibilidade de reconhecimento. Sem o *outro*, o *eu* não se constitui. Parece-me que o romance, ao explorar o motivo do duplo, interroga as fronteiras dessa relação entre estranhamento e identificação no processo de construção identitária individual e coletiva. Seguirei esta pista para explorar mais de perto o universo romanesco de *Sonhos tropicais*.

### **Oswaldo Cruz e o Saci: sonho e pesadelo**

Em *Sonhos tropicais*, ao interrogar os paradigmas que orientam o nascimento da ciência no Brasil no início do século XX e sua relação com o poder, num processo mediado pela recriação da biografia de Oswaldo Cruz, o romance levanta questões fundamentais no que diz respeito ao papel do cientista e do intelectual na sociedade brasileira e suas implicações num projeto de definição dos rumos do país. Expõe as contradições de um homem que sonha com a possibilidade de que o progresso científico possa mudar o Brasil e as dificuldades que enfrenta nesse percurso. Integrando o intertexto social da época, o romance é entrecortado de vozes: citações de trabalhos de Oswaldo Cruz; reproduções de charges e de artigos de jornais que evocam as campanhas da imprensa contra os projetos do então Diretor da Saúde Pública; passagens que parodiam as teorias científicas da época, particularmente os pressupostos que se apoiam nas relações deterministas entre raça, clima e características psicológicas de um povo; fragmentos que fazem alusão às “vozes anônimas do coro carioca” ou às opiniões invejosas dos colegas de profissão e dos políticos. Dessa maneira, o texto evita o processo de heroicização da personagem fazendo com que o ponto de vista do narrador seja contrabalançado pela visão multifacetada que emana da narrativa.

Seguindo de perto os passos da formação de Oswaldo Cruz, o texto romanesco reitera o questionamento sobre os pressupostos da ideologia pessimista oriunda do cientificismo da cultura intelectual europeia que nutria o intelectual brasileiro do início do século. Dando ênfase ao contexto de formação do cientista, o romance destaca a pobreza intelectual do ambiente e por conseguinte a precariedade dessa formação, sem renunciar ao olhar crítico sobre os pressupostos ideológicos que a orientam:

- Ciência se faz na Europa, não no trópico. Nos países europeus pode-se desfrutar o prazer intelectual de examinar preparações ao microscópio, numa sala aquecida, a neve caindo lá fora; o prazer de meditar em longas noites. Aqui? Aqui calor, e esta umidade que corrompe tudo, que semeia bolor por toda a parte, nas placas de cultura, nas lentes até. Decididamente, clima para ciência é que não temos... (Scliar, 1992, p. 23)

As referências contextuais se organizam segundo a perspectiva de um antagonismo entre civilização e barbárie. A narrativa ironiza as suposições ideológicas deterministas e preconceituosas de interpretação do Brasil. O que se critica sobretudo é a visão depreciativa da realidade brasileira e a admiração passiva pela Europa. Isso não impede, contudo, o reconhecimento da qualidade das pesquisas que se desenvolvem na França, contrastando com a carência de meios para impulsionar a ciência no Brasil. Oswaldo Cruz viaja para Paris, “O berço da cultura, a cidade mágica!” (Scliar, 1992, p. 43), com o objetivo de completar sua formação. À época em que o *Institut Pasteur* recebia os grandes cientistas do mundo, inclusive Oswaldo Cruz, a ciência no Brasil era incipiente. Oswaldo Cruz é visto, no romance, como pioneiro tanto do ponto de vista da saúde pública como da pesquisa científica no Brasil. O que o romance critica é a opção pela medicina dos grandes centros como modelo único, ignorando os dados antropológicos característicos da população, além de questionar os limites da vinculação do exercício da medicina às estratégias de poder alheias à justiça social.

A encenação da estadia do médico sanitariano em Paris permite que o romance explore imagens estereotipadas que o estrangeiro projeta do brasileiro numa perspectiva que corresponde a um conceito essencialista da identidade, fundamentado na ideia dos caracteres fixos dos povos:

Mas ele não parece brasileiro, Ogier. Desculpa, mas não parece. Por exemplo: tem o ar pensativo. Os do trópico não têm ar pensativo. Não pensam muito, lá. Compreende-se: por que haveriam de pensar muito, se o sol brilha num céu azul, se as ondas de um mar cor de esmeralda quebram em praias de areia muito branca, se os coqueiros, agitados pelas brisas, deixam cair cocos na areia e se, além disto há bananas? Como ter um pensamento lógico em meio a macacos que, de árvores próximas, lhes fazem caretas e gritam? Grita muito, a fauna. Os macacos gritam, as araras... (Scliar, 1992, p. 46)

A caricatura grotesca da visão exótica sobre o Brasil desqualifica o etnocentrismo como critério de avaliação. As ideias racistas e deterministas em voga nessa época não dão conta dos problemas que o país enfrenta. O romance aponta para o descompasso existente entre essas ideias que embasam o “processo civilizatório” e a realidade brasileira, fazendo sobressair a condição de ignorância, miséria e doença da maior parte da população (“o Brasil está minado pelas doenças do trópico”, Scliar, 1992, p. 53). É esse descompasso que determina a situação de impasse característica dos intelectuais brasileiros nesse início de século, representada na narrativa pelos conflitos que assaltam a personagem de Oswaldo Cruz no seu combate ao corpo doente do Brasil:

E...se os papéis se invertessem, Oswaldo? Se estivesses nas barricadas, como o grande Virchow, defendendo o direito do povo à saúde, à vacina?

Só que o povo não quer a vacina. E não quer as brigadas dos matamosquitos, talvez não queira nem lavar as mãos: Semmelweiss aqui se esgoelaria em vão. É forte a tentação das barricadas, é forte a tentação do ‘não passarão’, da solidariedade, da disposição para o sacrifício. Mas tu não estás nas barricadas, Oswaldo. Estás do lado de Rodrigues Alves, de Pereira Passos, dos meganhas. Mesmo que quisesses mudar, agora é tarde. (Scliar, 1992, p. 153)

Fica clara a interrogação incisiva sobre a função social da ciência e os métodos para lidar com uma população carente e intelectualmente limitada: quais os caminhos para melhorar a qualidade de vida de uma população marcada pelos preconceitos? Para além da crítica feita a uma filosofia política que encara o povo como simples objeto da história, falando em seu nome e definindo por ele o seu destino, uma outra questão de fundo é colocada no fragmento acima referido e diz respeito à impossibilidade de desvincular o exercício da ciência de seu caráter político, sobretudo quando se ocupa um cargo na hierarquia do poder: “O poder Oswaldo? A porta do poder se abre para ti; a 26 de março de 1903, tu te tornas o novo diretor de Saúde pública” (Scliar, 1992, p. 86). O romance denuncia o caráter autoritário e arbitrário das instituições exibindo as contradições do projeto de modernização: “O Rio civiliza-se” em detrimento dos “deserdados da fortuna”. Decorre daí a crítica à política autoritária e repressiva do governo de Rodrigues Alves que não hesita em recorrer às armas para sufocar a “Revolta da vacina” em nome da ordem, do progresso, em nome, enfim, do combate em favor do processo civilizatório.

Para explorar a imagem de um Oswaldo Cruz perplexo diante da ação do governo e da reação da população, o texto cria um contraponto que intensifica a situação de conflito da personagem que se debate entre o sonho de construir “uma instituição científica séria, respeitada, que trabalhe principalmente com as doenças tropicais, a febre amarela, a malária” (Scliar, 1992, p. 60) e o pesadelo de ter que se defrontar com a resistência da população que tenta salvar da doença. A irrupção do fantástico na narrativa, através da visão da figura mítica do Saci que povoa o imaginário popular brasileiro, funciona como um pesadelo, expondo as dúvidas e o medo que habitam o inconsciente do protagonista. O drama de Oswaldo Cruz, cientista confrontado ao conservadorismo da população urbana, ao espaço desconhecido da selva amazônica, domínio do Saci (“É difícil fazer ciência aqui, não é mesmo Oswaldo?” Scliar, 1992, p. 195), torna-se claro nessa configuração do duplo.

Oswaldo e o Saci: a ciência e a superstição, a vacina e as ervas medicinais, a razão e a fantasia, as teorias científicas e os mitos populares, a cidade e a selva. *Sonhos tropicais* reitera a representação de elementos antitéticos que atravessam a produção literária brasileira voltada para a reflexão sobre as componentes multiculturais da realidade e aponta para a necessidade de superação da dicotomia. A figura esperta e debochada do Saci surge como a herança popular de elementos africanos e indígenas recalçada e marginalizada do processo de modernização, mas que possui, no entanto, a possibilidade de realizar a síntese entre os opostos:

É ele quem está ali, o Saci. Veio debochar de ti, o negrinho de uma perna só. Tu finges ignorar a incômoda presença; mas é inútil, sabes que ele te mira, zombeteiro: então, Oswaldo? O que dizes disso tudo, Oswaldo? Ah, calas? Tens de calar mesmo Oswaldo. Quem dá com os burros n’água como tu, tem mesmo de ficar calado. Tu te enganaste, Oswaldo. Não estás, para usar a expressão de teus amigos franceses, ‘au-dessus de la mêlée’. Surpreende-te que eu conheça a língua de Molière, Oswaldo? Não sou o toco que tu pensas. Nem eu, nem o Curupira, nem a Cuca. Nós habitamos este país há muito tempo, Oswaldo, estávamos aqui quando os franceses vieram, aprendemos com eles a usar certas expressões. É o que nos permite sobreviver, Oswaldo: esta capacidade de incorporar, de assimilar, que vai desde o canibalismo até ao sincretismo e à micagem pura e simples. Não queremos endireitar essa gente a marteladas. E o que queremos então? Eu, por mim, quero me divertir: quero pular, quero sambar. (Scliar, 1992, p. 168)

Não sabes quantos filhos tenho por aí, Oswaldo. Essa molecada que anda pelas ruas te vaiando, te atirando pedras – meus filhos, todos, filhos do Saci. (Scliar, 1992, p. 169)

A naturalização do insólito, como em outras narrativas de Scliar, possibilita a confrontação do real aos elementos que ele exclui. A fala sarcástica do Saci, introduzida pelo narrador, ironiza a auto-suficiência e a arrogância daqueles que, impregnados de dogmatismo científico, dirigem o processo de modernização. A irrupção na narrativa desse ente fantástico do imaginário popular brasileiro simboliza a impossibilidade de se construir um projeto identitário exclusivo, desmascarando a alienação e o desenraizamento do processo de modernização. O aparecimento súbito do Saci aponta para a ancestralidade das tradições e das crenças populares, reverenciando o saber tradicional e a capacidade de resistência da cultura popular pelo seu caráter maleável, pela sua energia festiva, irreverente, e subversiva. O sonho de mudar o Brasil tem que levar em conta os filhos do Saci, como Prata Preta, líder popular da revolta da vacina.

Como figura do duplo, o Saci – inconsciente conflitado do médico sanitário – revela os antagonismos que atravessam uma mesma comunidade e mostra que é imprescindível descartar a lógica da aculturação para se construir um projeto identitário inclusivo, propício ao diálogo com a diferença.

### **O narrador e Oswaldo: o *eu* e o *outro***

Em *Sonhos tropicais*, como já foi referido anteriormente, a reconstrução da vida de Oswaldo Cruz é feita por um narrador que dramatiza uma situação de interlocução entre um *eu* e um *tu*. Esse mimetismo da situação de comunicação permite que o narrador exponha seu ponto de vista na análise dos fatos relacionados com a vida do protagonista. Trata-se de uma forma original de monólogo interior que constantemente interpela um *tu* – o médico protagonista mas também o próprio leitor – instaurando na narrativa um processo incisivo de questionamento.

A tentativa de distanciamento do *eu*, correlata ao desejo de escapar a si mesmo, conduz o narrador-personagem a projetar no *outro* seu próprio sonho. No entanto, o caráter especular próprio do pensar a alteridade o leva inevitavelmente, ao longo de seu percurso reflexivo, a encarar sua própria face. A experiência da alteridade, como se

sabe, é inseparável da consciência de si mesmo. Dessa maneira, é possível acompanhar, através do discurso em primeira pessoa do narrador-personagem, o processo de invenção de um *eu* que se autodesqualifica ao tempo em que torna presente, pelo emprego inflacionário do *tu*, a figura de Oswaldo Cruz, locutor privilegiado e imaginário, imprimindo ao discurso uma aparência de conversa.

Perguntará na portaria se alguém telefonou. Eu, Oswaldo? Não. Não terei telefonado. Eu só exercito a arte de espiar à distância. Continuo, pois, este diálogo em que examino, reverente, a tua vida. Espiar, Oswaldo; sabes o que é. Dominas o instrumento que a isto se destina, a espiar. O microscópio. (Scliar, 1992, p. 35)

Paradoxalmente, a dramatização do discurso em conversa, sublinhada pelo uso do vocativo e pela orientação para a função fática da linguagem procurando atrair a atenção do interlocutor imaginário a quem o narrador se dirige e de quem imagina reações, torna ainda mais evidente e patética a condição de isolamento em que se encontra o narrador-personagem.

Coerente com a polaridade simbólica que o romance constrói entre as duas personagens, a estrutura fragmentada da narrativa vai privilegiar a narração de fatos da vida de Oswaldo Cruz pretendendo reconstruir sua biografia do nascimento até à morte. No entanto, à narração de fatos de uma vida bem sucedida mesclam-se comentários que revelam indiretamente aspectos da personalidade e da vida do narrador-personagem fracassado. A narrativa explora esse jogo de vai-e-vem imaginário que o sujeito elabora sabendo-se distinto do outro, mas necessitando da alteridade para seu processo de autoconhecimento:

Ah Oswaldo, que inveja tenho de ti, de tua ardente esperança, de teu ingênuo entusiasmo. Será que algum dia fui como tu, Oswaldo? Acho que sim, acho que em algum momento todos fomos como tu. (Scliar, 1992, p. 51)

À medida que a narrativa avança para o final, fragmentos curtos dedicados a evocar fatos da vida do narrador-personagem tornam-se mais frequentes e dão lugar a um discurso mais introspectivo.

Ah, Oswaldo. Ela ignora a confusão, o pânico em que me precipitou. Ignora que não posso compartilhar com ninguém os diálogos que contigo travo nas noites sanitárias; que este é um diálogo eu-tu (nem

sequer eu-você é), excluindo automaticamente uma terceira voz.  
(Scliar, 1992, p. 193)

À sombra do outro, subrepticiamente, para além do relato da vida da figura histórica recriada, assistimos à invenção de um *eu* que é ao mesmo tempo sujeito e objeto do seu discurso. Um *eu* que se projeta e/ou se define em relação ao *outro* (Oswaldo Cruz e o acadêmico norte-americano que pesquisa sobre a vida do médico sanitarista); um *eu* em permanente processo de desdobramento. O exemplo mais flagrante desse processo de desdobramento e de distanciamento do eu diz respeito ao fragmento que sintetiza em apenas três páginas (Scliar, 1992, p. 188-191), marcadas pela narração em terceira pessoa e pela escrita oblíqua e dupla da ironia, a história de vida do narrador-personagem, parodiando o estilo do caso clínico:

Queixa-se, este médico de trinta e quatro anos, de angústia existencial, preguiça invencível e uma sede espantosa por qualquer bebida alcoólica. Diz que não sentia essas coisas até há alguns anos atrás. Teve infância feliz; relativamente feliz; tão feliz quanto possível, em se tratando de família brasileira pobre. (Scliar, 1992, p. 189)

Conversa muito com a garrafa e também com Oswaldo Cruz, famoso sanitarista já falecido. Sustenta que assunto não lhe tem faltado. É que se dedica a estudar a vida de Cruz. [...] Por que o faz, não está bem claro. Talvez os fracassos pregressos e o alcoolismo lhe dêem sentimentos de culpa. Talvez tenha esperança de fazer bons contatos num lugar frequentado por médicos e cientistas. Talvez esteja tentando entender o Brasil, e a si próprio, e aquilo que chama de o *pathos* do sanitarista, através das leituras. (Scliar, 1992, p. 190)

Entre o relato de uma outra vida na qual o *eu* se projeta, o balbucio de um discurso intimista e o processo de objetivação do *eu*, o sujeito persegue seu itinerário de busca identitária, tomando como modelo a imagem de Oswaldo Cruz, sem que no entanto consiga assimilar aspectos dessa personalidade que admira. Daí o sentimento de frustração e de fracasso que o acompanha. A fascinação pelo outro o aprisiona e o conduz a uma visão negativa de si próprio, sublinhada pela auto-ironia que atravessa seu discurso. O narrador-personagem refugia-se no espaço do imaginário. Incapaz de furar o cerco do isolamento que construiu em torno de si, distancia-se da realidade, preferindo imaginá-la a vivê-la.



## O narrador e o *brazilianist*: nós e eles

Num estudo sobre a ficção de Moacyr Scliar, Gilda Salem Szklo<sup>15</sup> chama a atenção para a fantasia “que muitas vezes pode vir sob a forma de humor, e acaba negando à utopia seu direito à existência, porque se torna ela própria (fantasia) cada vez mais distante, adiando, infinitamente, a realização dos sonhos” (SZKLO, 1990, p. 60). Esta observação aplica-se perfeitamente ao narrador-personagem do romance *Sonhos tropicais*. Face à realidade vazia e sem perspectiva que evoca a atmosfera pessimista do final do século XX, o narrador-personagem marginaliza-se, retira-se para seu mundo fantasioso sonhando com a pesquisadora da biblioteca de Manguinhos ou com a glória de ser reconhecido pelo seu saber sobre Oswaldo Cruz, glória esta que viria através de uma conversa que nunca se realiza com um hipotético pesquisador norte-americano. Esses são os principais elementos do enredo de um primeiro plano narrativo que situa a ação nos anos 90 e evoca o presente do narrador-personagem.

O pesquisador norte americano dedica-se, como o narrador-personagem, ao estudo da vida de Oswaldo Cruz, constituindo-se assim em mais uma figura do duplo na narrativa de *Sonhos tropicais*. A personagem do *brazilianist*, presente em outras narrativas que discutem o papel do intelectual brasileiro e suas relações com os modelos estrangeiros e o poder<sup>16</sup>, sublinha o colonialismo intelectual, a atitude de subserviência que denota o complexo de inferioridade apontando para a matriz identitária lacunar referida por Marilena Chauí. O narrador-personagem que demonstra ter uma visão crítica do papel do *brazilianist* é o mesmo que projeta a possibilidade de por ele ser reconhecido. Creio que ao colocar em cena a ambivalência do narrador-biógrafo em relação ao *brazilianist*, o romance se interroga sobre a autoimagem do intelectual brasileiro em relação aos seus pares.

As ações desse estrangeiro são sempre descritas no futuro, jogando com a possibilidade dos fatos evocados poderem se realizar num tempo que está por vir. A

---

<sup>15</sup> Ver SZKLO, Gilda Salem. *O Bom Fim do Shtetl: Moacyr Scliar*. São Paulo: Perspectiva, 1990. p. 60.

<sup>16</sup> É o caso do grande romance de Jorge Amado, *Tenda dos milagres* que conta a história de Pedro Archanjo cuja obra só é reconhecida pelos intelectuais brasileiros depois que é “descoberta” por um grande intelectual norte-americano. Remeto ao meu estudo “Jorge Amado e a escrita da margem na figuração identitária” (Rita Olivieri-Godet e Juraci Dórea, *Jorge Amado em letras e cores*, 2014, p. 73-101). Outro escritor baiano, João Ubaldo Ribeiro, faz uma caricatura do *brazilianist* no conto “A vez quando Cuiúba comeu seis ou sete veranistas”. In: João Ubaldo Ribeiro. *Já podeis da pátria filhos e outras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. p.41-51.

ambiguidade instaura-se na narrativa, levando o leitor a hesitar entre considerar essas cenas como “reais” ou como simples devaneio do narrador-personagem. Além do mais, a abertura do romance, paródia da palavra profética, só faz acentuar o caráter hipotético dessas cenas, ridicularizando o papel de salvador que o narrador-personagem lhe confere: “Ele virá, Oswaldo. Dos céus: virá de avião, Oswaldo” (Scliar, 1992, p. 5).

O narrador-personagem sonha em sair do anonimato e ver seu conhecimento sancionado pela autoridade que é de antemão conferida ao estrangeiro. Contraditório, “confuso”, como ele mesmo se autocaracteriza, o narrador-personagem alterna a esperança de reconhecimento com a inércia que o imobiliza (“Eu não quero ligar para ele, Oswaldo”, Scliar 1992, p. 174). Por vezes, essa angústia individual alarga-se para uma reflexão social sobre o papel do pesquisador estrangeiro de assuntos brasileiros, num contexto em que as relações colonialistas se perpetuam, como o romance faz questão de salientar:

É a história desse país, Oswaldo, deste continente. Eles chegam por mar ou por ar, em caravelas, transatlânticos, navios de guerra; eles chegam em jumbos ou jatos executivos. Eles desembarcam farejando, ansiosos: o que é que vocês têm de bom aqui? O que é que podemos comer, beber, desfrutar? O que é que podemos levar? Querem ouro, pedras preciosas, minérios, peles de animais, café, açúcar, coca; tudo que é exótico, tudo que dá sensações estranhas. E quando não há mais nada: quem sabe uma história então? Quem sabe uma boa história, musicada, talvez? Quem sabe uma lenda indígena, um conto fantástico? Quem sabe a história do Oswaldo Gonçalves Cruz? Ouvi falar dele, ouvi falar que vivia aventuras incríveis durante o dia e que tinha delírios em suas noites sanitárias. Ouvi dizer que sonhava o sonho dos trópicos (Scliar, 1992, p. 175)

Entre o passado das caravelas e o presente das modernas aeronaves é a mesma atitude colonialista que caracteriza a pilhagem de bens materiais e culturais que é denunciada, é o mesmo olhar exótico que permanece em busca de elementos que surpreendam pela sua aparência de novidade. Desde a cena inicial do romance, anunciando a vinda do pesquisador americano (Scliar, 1992, p. 5-11), o discurso irônico entrelaça alusões textuais e contextuais ao passado e ao presente do país, denunciando a forma reducionista e estereotipada de representação exótica do real e relacionando-o com a visão etnocêntrica que opõe civilizados a primitivos. O texto expõe dessa forma as armadilhas de um olhar de fora que busca avidamente o efeito do diverso no

pitoresco, a diferença no *outro* enquanto alteridade sonhada, a evasão na exterioridade de formas vazias.

Dos navegadores aos turistas, o que mudou nesse longo “processo civilizatório”? É também o que parece interrogar a cena inaugural do romance que revisita as visões paradisíacas e infernais dos estereótipos sobre o Brasil: as referências à exuberância da fauna e da flora, à beleza da paisagem, aos contrastes das cores, ao clima quente, aos perigos da violência da selva urbana na qual os assaltantes surgem como novos canibais, ao risco das doenças tropicais como o cólera<sup>17</sup>. Na sua tentativa de resposta, o texto se mostra céptico quanto ao processo de modernização brasileiro, questionando seus critérios a partir do ridículo a que submete os elementos que aponta como sinais de modernidade e de civilização: é possível notar que o pesquisador estrangeiro constata surpreso que os banheiros do aeroporto são limpos; observa-se que os brasileiros se deslocam para New York e Disneyworld para comprar aparelhos de som, câmeras e videocassetes, novos símbolos da modernidade tecnológica, indícios de civilização que alimentam os sonhos tropicais atuais.

Desloca-se o grupo de referência tomado como modelo de um projeto de modernização do país, mas o processo de identificação permanece o mesmo. Na era do consumo e da globalização o presente se anuncia banal e os sonhos reduzem-se a imagens estereotipadas. A representação do Brasil dos anos 1990 insiste nos aspectos decadentes e violentos da realidade urbana e anuncia um contexto marcado pela superficialidade das formas vazias, pelos lugares comuns que alimentam o imaginário coletivo. Sonha-se com a viagem a Disneyworld, éden falsificado, cópia estereotipada de um sonho de realidade. A inadaptação do narrador-personagem a um presente que erige o simulacro como modelo encontra-se assim justificada. Levado a refugiar-se no imaginário, nutrindo-se da experiência alheia, ele se auto-observa, interpela e repensa o mundo, revelando as contradições e os ardis dos projetos de modernização que marcam o passado e o presente do país.

As imagens do Brasil dos anos 1990, evocadas no texto, mostram que a sociedade continua doente, embora os sintomas sejam diferentes. Novas epidemias de

---

<sup>17</sup> Em *A paixão transformadora*, Moacyr Scliar faz a seguinte constatação: “Epidemias como a de cólera demonstraram que, em termos de realidade sanitária, o Brasil não mudou muito desde 1916”. (p.231). Se ainda entre nós estivesse, seria levado à fazer constatação semelhante diante da gravidade da pandemia e da irresponsabilidade genocida do atual governo federal.

cólera, novos tipos de virose (a AIDS, o consumo) grassam pelos trópicos. Em *Sonhos tropicais* é possível ler os signos da contemporaneidade nas referências aos objetos de consumo, à ideologia do turismo e da diversão ou, no dizer de Baudrillard, da “disneyficação” do mundo. Os lixos da modernidade, pressentidos nesse romance, ocuparão o primeiro plano da narrativa de *Éden-Brasil*<sup>18</sup>, publicado no limiar de um novo milênio em que vigora “o grau Xerox da cultura”<sup>19</sup>. Observa-se que os títulos de ambos os romances – *Sonhos tropicais* e *Éden-Brasil* – apontam para um processo de idealização num espaço inflacionado de imagens estereotipadas.

### **Doença, medicina e literatura**

Em *A paixão transformada: história da medicina na literatura*, Moacyr Scliar revisita inúmeros textos e obras de cientistas, médicos e escritores “que marcaram a evolução da medicina e da luta do ser humano contra a doença” (Scliar, 1996, p. 12). No campo literário, o autor comenta, entre outros: o *Decameron* (1349-1353) de Boccaccio, inspirado pela Peste Negra que atingiu Florença em 1348; o *Diário do ano da peste* (1722) de Daniel Defoe, motivado pelo surto da peste em Londres; *A peste* (1947) de Albert Camus “que usa a doença como a metáfora de um inimigo poderoso e invisível a ameaçar uma cidade” (Scliar, 1996, p. 56); *O amor nos tempos do cólera* (1985) de Gabriel Garcia Márquez. Scliar fecha o livro com uma homenagem ao escritor Caio Fernando Abreu, vítima da AIDS, em 1996, ano da publicação de *A paixão transformada*, no auge da disseminação do vírus HIV. Nessa obra, cujos comentários abraçam uma perspectiva histórico-literária sobre as relações entre doença e cura, detendo-se na análise dos cenários sócio-políticos e científicos, destacando os princípios éticos, discutindo as políticas sociais e de saúde, apontando os preconceitos, Scliar abstém-se de comentar seus próprios romances, por modéstia, talvez, embora todos esses aspectos perpassem *Sonhos tropicais*. Escrita no contexto da epidemia da AIDS, a ficção do grande autor gaúcho ajuda-nos a meditar sobre nossa catástrofe atual: “A vida grita. E a luta continua” (Caio Fernando Abreu *apud* Scliar, 1996, p. 282).

<sup>18</sup> Moacyr Scliar, *Éden-Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras. 2002.

<sup>19</sup> Expressão utilizada por Jean Baudrillard (“le degré xerox de la culture”), in : *La transparence du mal*, Galilée, 1990. p.17.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Tenda dos milagres*. Rio de Janeiro: Record, 1998 [1969].
- BAUDRILLARD, Jean. *La transparence du mal*. Paris : Galilée, 1990.
- BERND, Zilá. Identidades e nomadismos. In: JOBIM, José Luiz (org.). *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p. 95-111.
- BOUCHARD, Gérard. Identité collective et sentiment national dans le Nouveau Monde. In : ANDRES, Bernard e BERND, Zilá. *L'identitaire et le littéraire dans les Amériques*. Québec : Nota Bene, 1999. p.63-83.
- CHAUÍ Marilena. *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
- FONSECA, Aleilton. *A terra em pandemia*. Itabuna/BA: Mondrongo, 2020.
- LAFFONT-BOMPIANI. Plutarque. *Le Nouveau Dictionnaire des Auteurs*. Paris, Robert Laffont, 1994. p. 2539-2542.
- MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da 'ciência': colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: Boaventura de Sousa Santos (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: 'um discurso sobre as ciências' revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-709.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Oswaldo Cruz e o Saci ou a figuração do duplo em *Sonhos Tropicais*. In: BERND, Zilá, ZILBERMAN, Regina (org.). *O viajante transcultural : leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2004, p. 99-119.
- OLIVIERI-GODET, Rita. As máscaras do Brasil nas crônicas de Graciliano Ramos. *Taira*, revue du Centre de Recherche et d'Études Lusophones et Intertropicales de l'Université Stendhal-Grenoble. n.11, 2000/2001, p. 277-292.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Constructions identitaires dans l'œuvre de João Ubaldo Ribeiro: paradigmes et clivages. In : OLIVIERI-GODET, Rita (org.). *Figurations identitaires dans les littératures portugaise, brésilienne et africaines de langue portugaise*. Série Travaux et Documents n.19, Saint-Denis: Université Paris 8, 2002. p.91-112.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Jorge Amado e a escrita da margem na figuração identitária. In: OLIVIERI-GODET, Rita e DOREA, Juraci. *Jorge Amado em letras e cores*. Feira de Santana: UEFS, 2014, p. 73-101.
- PAES, José Paulo. Scliar parodia formato das *Vidas Paralelas*. *Estado de São Paulo*, 28 de dezembro de 1997.

QUIJANO Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Souza e MENEZES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 72-116.

RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. São Paulo : Martins, 1967. (2ª edição)

RIBEIRO, João Ubaldo. A vez quando Cuiúba comeu seis ou sete veranistas. In: RIBEIRO, João Ubaldo. *Já podeis da pátria filhos e outras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. p.41-51.

SCLIAR, Moacyr. *Sonhos tropicais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCLIAR, Moacyr. *A paixão transformada: história da medicina na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCLIAR, Moacyr. *Oswaldo Cruz: entre micróbios e barricadas*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1996.

SCLIAR, Moacyr. *Oswaldo Cruz e Carlos Chagas: o nascimento da ciência no Brasil*. Odysseus Editora: São Paulo, 2002.

SCLIAR, Moacyr. *Éden-Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

SCLIAR, Moacyr. O imortal no mundo. Entrevista a Daniel Schenker Wajnberg. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 04 de agosto de 2003.

SZKLO, Gilda Salem. *O Bom Fim do Shtetl: Moacyr Scliar*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

TODOROV, Tzvetan. *Nous et les autres*. La réflexion française sur la diversité humaine. Paris: Seuil, 1989.